

Algumas contribuições do Seminário 11 de Lacan para uma experiência de análise

Ana Elisa Maciel

Resumo: A autora buscou resgatar alguns dos conceitos fundamentais da psicanálise, a partir do *Seminário 11* de Lacan, para elucidar aquilo que se tratou de indicar, nesse momento, como fundamental na operação de análise.

Palavras-chave: Ideal do eu, transferência, inconsciente, pulsão.

Some contributions of Lacan's Seminar 11 for an analysis experience

Abstract: The author tried to rescue some of the fundamental concepts of psychoanalysis, from the Seminar 11 of Lacan, to elucidate what was indicated as essential in the operation of analysis.

Keywords: Ideal self, transference, unconscious, instinct.

Algumas contribuições do Seminário 11 de Lacan para uma experiência de análise¹

Ana Elisa Maciel²

“No recurso que preservamos do sujeito ao sujeito, a psicanálise pode acompanhar o sujeito até o limite extático do ‘Tu é isto’ em que se revela, para ele, a cifra do seu destino mortal, mas não está só em nosso poder de praticantes levá-lo a esse momento em que começa a verdadeira viagem.” (LACAN, 1998, p.103)

O presente trabalho tem como proposta fazer um percurso por algumas trilhas deixadas por Lacan em direção àquilo que, em 1964, foi proferido por ele (1998, p.258) da seguinte forma: “[...] a mola fundamental da operação analítica é a manutenção da distância entre o I e o *a*”. Para apreender essa referência de Lacan, privilegiou-se o seu décimo primeiro *Seminário*, no qual é possível encontrar indicações daquilo que foi sua proposta, nesse momento do seu ensino, para uma experiência de análise.

Lacan (1998, p.242) nos indica que, num “primeiro tempo de transferência”, a relação do sujeito com o analista é balizada pelo ideal do eu. Enquanto significante, o ideal do eu é a marca à qual o sujeito se identifica a partir de um ponto eleito no campo do Outro de onde ele se vê como amado. “O ponto do ideal do eu é o de onde o sujeito se verá, como se diz, *como visto pelo outro* – o que lhe permitirá suportar-se numa situação dual para eles satisfatória do ponto de vista do amor”.

“Enquanto miragem especular, o amor [...] se situa no campo instituído no nível da referência do prazer, desse único significante necessário para introduzir uma perspectiva centrada no ponto ideal, I maiúsculo, colocado em algum lugar do Outro, de onde o Outro me vê, na forma em que me agrada ser visto.” (LACAN, 1998, p.253)

Lacan (1998, p.239) toma o amor como “efeito de transferência”, partindo da indicação de Freud que o localiza no campo do narcisismo. “Amar é, essencialmente, querer ser amado”. Esse amor que surge da transferência, enquanto logro, será apontado por Lacan como aquele que irá promover uma resistência à revelação do inconsciente e, conseqüentemente, à intervenção do analista.

“[...] o sujeito enquanto assujeitado ao desejo do analista, deseja enganá-lo dessa sujeição, fazendo-se amar por ele, propondo por si mesmo essa falsidade essencial que é o amor. O efeito de transferência é esse efeito de tapeação no que ele se repete

¹ Texto produzido como conclusão do módulo IV do Curso de Psicanálise do IPSM-MG e apresentado na Jornada Interna em 8 de março de 2010.

² Psicóloga, pós-graduada em “Psicanálise: teoria e prática” pela FUMEC.

presentemente aqui e agora. Ele só é repetição do que passou assim-assim, por ter a mesma forma. Não é sombra das antigas tapeações do amor. É isolamento, no atual, de seu funcionamento puro de tapeação.” (LACAN, 1998, p.240)

Surge daí um paradoxo no manejo da operação de análise, na medida em que a transferência é o meio através do qual pode se dar o encontro com um analista, ao mesmo tempo em que ela promove o fechamento do inconsciente. “Estamos presos em esperar esse efeito de transferência para poder interpretar e, ao mesmo tempo, sabermos que ele fecha o sujeito ao efeito de nossa interpretação” (LACAN, 1998, p.239). É curioso notar que a resposta de Lacan a esse impasse esteja de alguma forma colocada no nome dado à lição em que ele aborda esse tema, intitulada: “Da interpretação à transferência”. O que Lacan nos aponta é que o analista consente com a tapeação que o sujeito lhe propõe, uma vez que não opera sem essa transferência; entretanto, não é a partir dela que realiza seu ato.

O inconsciente, situado por Lacan (1998, p.125) como “discurso do Outro”, deve ser buscado na enunciação do sujeito, uma vez que, enquanto “jogo do significante – em suas formações – sonho, lapso, chiste ou sintoma – já procedeu por interpretação”. Se, como nos indica Lacan (1998, p.126), o inconsciente faz um apelo à “reabertura”, é exatamente aí que a interpretação do analista se torna decisiva para dar conta do nó da transferência.

Para responder ao enigma que se apresenta no encontro com a falta no Outro, o sujeito elege determinados significantes, a partir dos quais irá produzir um sentido que lhe dará o enquadre de sua existência. É por isso que Lacan nos diz que a interpretação não está aberta a todos os sentidos. O que ela visa é a série de significantes, cujo efeito faz surgir o sujeito da enunciação, na forma como ele é representado no campo do Outro.

“A interpretação não é aberta a todos os sentidos. Ela não é de modo algum não importa qual. É uma interpretação significativa, e que não deve faltar. Isto não impede que não seja essa significação que é, para o advento do sujeito, essencial. O que é essencial é que ela veja, para além dessa significação, a qual significante – não-senso, irreduzível, traumático – ele está, como sujeito, assujeitado.” (LACAN, 1998, p.237)

O surgimento do significante no campo do Outro é a marca que inaugura a constituição do sujeito no tempo da alienação. Lacan (1998, p.238) nos diz que o primeiro significante “se torna portador da infinitização do valor do sujeito, de modo algum aberto a todos os sentidos, mas abolindo todos, o que é diferente”. Ao escutar os significantes aos quais o sujeito se encontra alienado, é possível, a partir de um ato do analista, deslocá-los do contexto fabricado pelo sujeito, rompendo com o sentido

produzido ali. É quando a certeza na articulação significativa em que o sujeito se sustenta pode vacilar.

O sujeito se oferece ao analista como o objeto que ele se fez enquanto amável na tentativa de responder àquilo que do desejo do Outro surgiu para ele como um X, como enigma. Na relação transferencial, o sujeito busca reeditar sua ficção, colocando em cena a série de demandas do Outro ao qual ele se assujeitou. Diante dessa posição, o analista não responde do lugar de onde o analisando espera que ele responda, isto é, do ponto ao qual o sujeito poderia se identificar na forma considerada por ele ideal.

“Quero dizer que a operação e a manobra da transferência devem ser regradas de maneira que se mantenha a distância entre o ponto desde onde o sujeito se vê amável, - e esse outro ponto em que o sujeito se vê causado como falta por *a*, e onde *a* vem arrolhar a hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito.” (LACAN, 1998, p.255)

Na operação analítica, a relação transferencial é sustentada pelo saber que o sujeito supõe que o analista tenha sobre a significação. Isso implica que o analista seja um “sujeito de desejo”, na medida em que é aí que reside “aquilo que se trata de revelar” (LACAN, 1998, p.239) ao analisando. Lacan formula o desejo do analista como uma função essencial na experiência clínica, na medida em que o lugar por ele deixado vazio irá permitir o desvelamento do ponto a partir de onde o sujeito demanda, ou seja, daquele ao qual ele se alienou, se identificando como amável.

Na última lição do *Seminário 11*, Lacan (1998, p.253) ressalta que o efeito de tapeação do amor, proposto pelo sujeito na transferência, é aquele que a interpretação do analista objetiva liquidar, visando a emergência da transferência enquanto colocação em ato da realidade sexual do inconsciente, ou seja, a pulsão. Por essa via, o analista poderá isolar o objeto *a*, ao qual Lacan (1998, p.242, 243) propõe uma “identificação de natureza sigularmente diferente, e que é introduzida pelo processo de separação”. “Pela função do objeto *a*, o sujeito se separa, deixa de estar ligado à vacilação do ser, ao sentido que constitui o essencial da alienação”.

“[...] a transferência se exerce no sentido de reconduzir a demanda à identificação. É na medida em que o desejo do analista, que resta um X, tende para um sentido exatamente contrário à identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência. A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão.” (LACAN, 1998, p.259)

Para esclarecer aquilo de que se trata quando falamos em pulsão, vamos encontrar Lacan, (1998, p.169) nos remetendo à seguinte constatação: “é somente com sua aparição no nível do Outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão”. Com essa enunciação, Lacan (1998, p.171) nos aponta aquilo que produz a montagem

pulsional, que se realiza “pela intervenção da demanda do Outro” enquanto combinatória de significantes. A pulsão resulta do funcionamento da cadeia de significantes situada no Outro, sob a qual o sujeito se inaugura e de onde advém o engendramento de sua trama.

“O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse – é do lado desse vivo, chamado à subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão.” (LACAN, 1998, p.194)

Na experiência de análise, ao se confrontar com aquilo que ele interpretou que fosse a demanda do Outro, cuja estrutura de ficção fez reger seu desejo, o sujeito pode se separar do objeto através do qual ele acredita dar satisfação à pulsão. Ao atravessar o cenário no qual ele se fundou, tendo como palco o Outro que ele constituiu, o sujeito tem a chance de se rearranjar, tomando o objeto não mais como via de gozo, mas como o que lhe cause inventar um novo roteiro para escrever a sua cena no mundo.

Referências Bibliográficas:

LACAN, Jacques. “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.96-103.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.